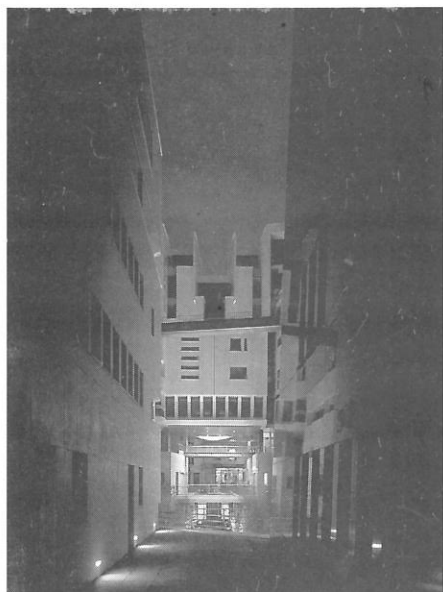


J P Le Dantec

Frédéric Borel



J P Le Dantec é professor da Escola de Arquitetura de Paris-La-Villette, editor da revista *Techniques et Architecture* e escritor. Seu último livro é **Dédalele héros, situation de la architecture contemporaine**, Paris, ed Balland, 1992

O presente artigo foi escrito com exclusividade para a *Óculum*. Todos os contatos com o autor J P Le Dantec e com o arquiteto Frédéric Borel foram travados pelos arquitetos Paulo Roberto Gaia Diziolli (do Conselho Editorial) e Valentina Moimas

¹ *Faubourg* são os antigos bairros periféricos à cidade, que hoje, já incorporados à malha urbana, mantêm a denominação tradicional

Tradução
Francisco Spadoni



Fotos e ilustrações
referentes ao edifício
da rua Oberkampf 113
Paris, França

Arq Frédéric Borel
Arq colaboradores
Joel Gallouedec
Carole Brammen
Massimo Mattiussi

Estudos
Janeiro 1990 a julho
1991
Construção
Novembro 1991 a
novembro 1993

O edifício da rua
Oberkampf contém 80
apartamentos para
aluguel, escritórios e
posto do correio

Frédéric Borel é um jovem arquiteto que trabalhou e completou sua formação no atelier de C de Portzamparc.

Esse fato é importante porque seu trabalho parece não ser influenciado pelo de Portzamparc mas, marcado pela preocupação quase obsessiva, que encontramos na obra do seu antigo patrão, pela forma e pelo detalhe.

- Borel chamou a atenção desde a sua primeira obra pessoal, um edifício situado no Boulevard de Belleville, que possuía como característica além de um excelente trabalho plástico e uma atenção voltada à forma e ao detalhe, uma vontade de criar uma espécie de "concha" espacial. Isto é, fazer com que o espaço público do boulevard e da rua se dobrassem e se inserissem no próprio interior do edifício tornando-se, assim, uma espécie de espaço intermediário entre os espaços públicos parisienses tradicionais: a rua, o boulevard, a calçada e os espaços privados que são as habitações.

Foi uma obra admirável. A tal ponto que, antes da própria construção do

edifício, quando foi vista a maquete exposta no *Institut Français d'Architecture*, já se sabia que estávamos diante de um trabalho excepcional de um arquiteto que não se contenta em fabricar um belo objeto mas que deseja levá-lo a um estado de complexidade e perfeição incomuns.

O segundo trabalho de Borel é um pequeno conjunto na rua Oberkampf que integra no programa um Correio e habitações para jovens carteiros. Aqui também Borel quis prolongar o espaço público através de uma espécie de pequena extensão da rua que dá para o jardim contíguo ao Correio. O conjunto está instalado num lote muito estreito, de forma difícil de se ocupar.

Ao contrário do que se é comumente aceito, Paris não é, em absoluto, uma cidade Hausmaniana homogênea. Rua Oberkampf, por exemplo, nos coloca frente a uma realidade construída bastante singular, onde em parcelas de *faubourg*¹ ainda bastante caracterizadas, coabitam, lado a lado, edifícios habitacionais e edifícios industriais, todos eles com orientação as mais antigas e diversas, ligadas ao antigo sistema de parcelamento do solo. Além disso, bem próximo ao edifício de Borel existe um pequeno edifício habitacional com uma cobertura de telhas, coisa bastante rara em Paris e que atesta sua

antiguidade. Mas isto não é tudo. Ao lado destes edifícios habitacionais, relativamente pobres, embora plenos de charme, e destas construções industriais antigas, nos vemos frente às mediocres construções dos anos 60, ocupando fundos de lotes. Ora, Borel compôs com tudo isto e soube compor, sem querer impor um objeto único, tal qual um maciço que ocupasse os limites do lote. Ele criou um micro-universo complexo com passarelas abertas, escadas, passagens estreitas, diferentes níveis, enfim, criou objetos arquitetônicos fundados sobre uma geometria contemporânea e postos todos em relação uns com os outros.

A idéia de fragmentação foi introduzida na arquitetura contemporânea francesa ao final dos anos 70 por Portzamparc, no conjunto *Hautes Formes*, onde recusou-se a fazer um edifício único ou reconstruir um pseudo-núcleo Hausmaniano. Ele separou seu programa de maneira a produzir diversos edifícios, embora se tratasse de um programa exclusivamente habitacional, sem outras funções, e organizou-os em torno de um vazio central. Desta maneira ele pode recriar uma espécie de praça interior, de vazio interior, e ao

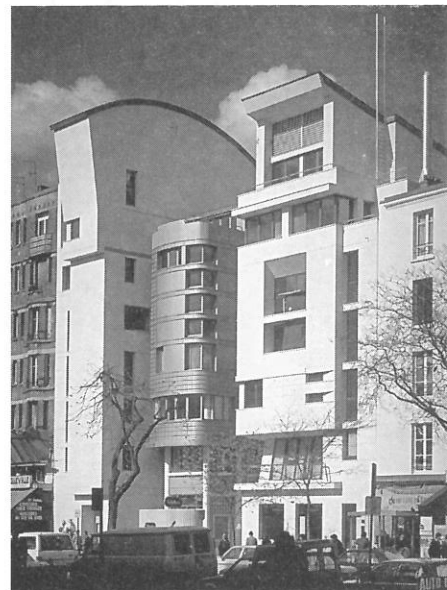
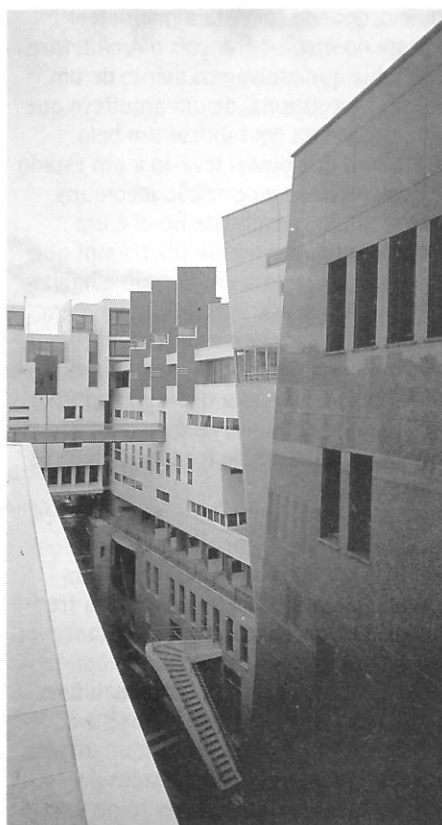


Metodologia de intervenção

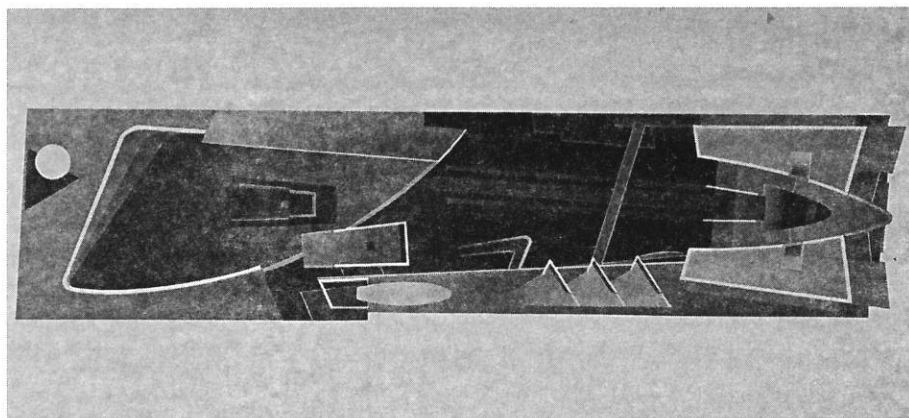
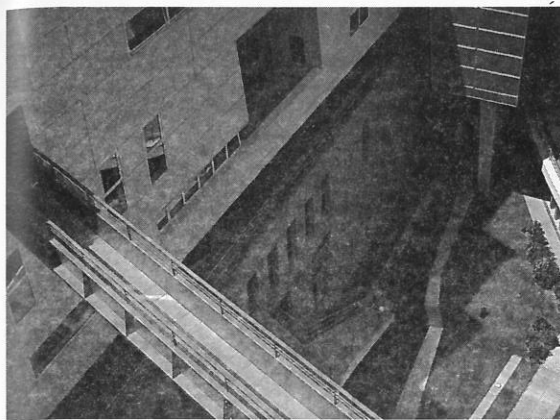
Este projeto nasceu de um processo de candidatura (*Moniteur e Journal Officiel*) onde vários arquitetos puderam propor diferentes edifícios habitacionais em terrenos localizados em contextos urbanos distintos de Paris

Programa

O edifício constitui-se de habitações de caráter social (kitchenetes e dois dormitórios) para serem alugados aos jovens funcionários dos Correios e da empresa France Telecom. O aluguel de um apartamento não pode ultrapassar o teto de 20% da renda do locatário



mesmo tempo também, uma espécie de rua interior. Mas não se trata nem de uma praça tradicional, nem de uma rua, nem um pátio hausmaniano, nem um corredor, como anunciava Le Corbusier, mas uma rua aberta lateralmente. Seu núcleo não é um núcleo hausmaniano fechado conforme a tradição do século XIX em Paris, mas um núcleo moderno, já que permitia ao mesmo tempo, reencontrar o espírito de rua, sem se perder uma das conquistas da arquitetura moderna, ou seja, fazer edifícios com 4 faces, que não estejam ligados por espaços comuns. A fragmentação pode, evidentemente, trabalhar com esse espaços comuns, mas ela foi feita, deliberadamente por Portzamparc, naquele momento, para criar o que ele chama de a cidade "idade 3". Quer dizer, a cidade de nossa época não é mais aquela cidade européia constituída como uma espécie de todo orgânico, progressivo, com edifícios ligados entre si em torno de um espaço público em cruz, nem aquela do urbanismo moderno, que criou objetos autônomos sobre um solo livre. Mas sim é aquela que exprime uma época mista, onde se deve compor com estas duas realidades, estas duas idades da cidade e ao mesmo tempo saber tirar partido de todas as conquistas plásticas possíveis.



A referência aos limites

A heterogeneidade dos arredores: com as alturas dentadas dos edifícios, necessitava uma estratégia particular a cada um dos espaços internos entre eles, tendo como objetivo primeiro, o desejo de reconstituir a homogeneidade do lugar

As três notas anteriores são citações literais do memorial descritivo do projeto da rua Oberkampf, autoria do escritório de Borel

Penso que Borel assumiu claramente como sua esta maneira de pensar, o que se torna evidente em seu trabalho à rua Oberkampf - quaisquer que sejam as críticas que lhe tenham sido dirigidas, como a de ser talvez um pouco formalista. Trabalha com objetos autônomos que são agrupados sobre relações de escala, volumetrias, de uma forma tal que se torna impossível pensá-los cada qual por si, mas ao contrário, formam um conjunto que recupera, na língua de nosso tempo, o caráter do quarteirão composito, bizarro, desta rua de *faubourg* que se coloca na periferia do puro estilo hausmaniano.

É a isso que se refere a idéia de fragmentação. Idéia que Portzamparc colocou em prática em todos os seus projetos. Na Cidade da Música, por exemplo, ele decompõe seu programa segundo as funções - sala de música, sala de concertos, sala de estudos, etc. - o que lhe permite fabricar volumes que expressem sua destinação, ao modo de um instrumento musical cuja forma está adaptada ao seu emprego, e ele os agrupa por suas partes comuns, ruas interiores, pátios. Seu princípio é sempre o vazio, o vazio interior, o vazio que reagrupa, em

oposição ao movimento moderno, cujo vazio era privado de qualidades, pois tudo estava contido no objeto arquitetural, como uma máquina ou um navio, que é autônomo por definição.

Mas voltemos ao projeto de Borel. Borel pertence a uma geração de arquitetos que se aproxima dos quarenta anos e que é, portanto, a geração seguinte a de Portzamparc, Nouvel, Gaudin e Ciriani, arquitetos que mais marcaram o panorama da arquitetura francesa à partir do princípio dos anos 80.

Evidentemente estes jovens arquitetos se desenvolveram dentro de um clima onde a arquitetura francesa, que havia atravessado uma fase bastante crítica ao longo dos anos 60, estava em vias de reconquistar sua posição sobre a cena internacional, e se beneficiaram do trabalho desta geração que reconstruiu as bases de uma arquitetura contemporânea possível ao longo dos anos 70. Mas, certamente, receberam a herança de maneiras muito distintas. Alguns se colocaram numa espécie de prolongamento do que havia sido criado pela geração precedente, reinterpretando este trabalho que os levou a repensar, cada qual a seu modo, a relação entre a arquitetura e a cidade. Entre estes eu colocaria o trabalho de Borel; Catherine

Furet, uma excelente arquiteta que trabalhou com Gaudin; ou um antigo aluno de Ciriani como Kagan. É uma lista arbitrária, evidentemente, e haveria ainda outros. Por outro lado, alguns arquitetos da nova geração procuram, acima de tudo, se afirmar contra a geração precedente, tentando recuperar um certo neo modernismo. Eles trabalham as transparências, o objeto, a tecnologia, são atentos ao hightech, ao deconstrutivismo, etc. Estes arquitetos se colocam em geral na esteira de Jean Nouvel. Dominique Perrault, que construiu a grande Biblioteca da França, ou mesmo Odile Decq, ambos antigos alunos da UP 6, Escola de Arquitetura de Paris-La-Villette, se inscrevem na corrente que busca suas fontes no sinal dos tempos, a moda e uma estética "bem informada". O que, ao meu ver, os impede de atingir o nível de exigência ética e estética de Borel, Furet ou Kagan.